CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

AVISO.

508 O Sr. João José Jara, benemerito lavrador do Algarve, acaba de remetter ao Escriptorio da REVISTA um caixotinho de hastes (podas) de batata-doce para se plantar; porque é este o modo de plantação d'esta batata. Não tem menos de cinco borbulhas cada uma: duas d'estas devem ficar de fóra da terra e as outras tres enterradas; tendo todo o cuidado de que a haste não seja plantada ao contrario, isto é: com as borbulhas para baixo, o que é facil de conhecer.

D'outra especie de batatas — a batata-roixa — vem as hastes so com tres borbulhas: d'estas, são duas as que devem ficar enterradas.

Cada uma d'estas batatas pésa sôbre tres arrateis e algumas chegam quasi a seis.

Os Srs. Assignantes da REVISTA, que quizerem fazer ésta plantação, devem mandar buscar as hastes com brevidade para que se não percam.

O Sr. Jara mandou n'esta occasião uma formidavel maçaroca do seu *milho-infantil*, que tambem se póde admirar n'este Escriptorio.

ANNUNCIO.

A melhor epocha para a sementeira do *Sainfoin ou Esparceto* é a presente estação: annuncia-se que ao Escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.° 82 1.° andar, chegaram uns 6 alqueires da dita semente, que é a ultima porção para vender n'este anno. Preço 800 réis o alqueire, e alli se dão gratis as instrucções impressas para a sementeira do dito prado artificial.

BANCO-DE LISBOA.

CAIXAS-FILIAES NAS PROVINCIAS.

509 Uma das primeiras necessidades públicas do nosso paiz é o estabelecimento de caixas-filiaes do Banco-de-Lisboa, ou chamem-lhe como quizerem, nas principaes terras de nossas provincias.

A facilidade das transacções commerciaes d'umas com outras terras e d'estas com Lisboa, a prosperidade industrial de nossas provincias, exigem este estabelecimento. Portugal não se reduz unicamente a Lisboa. Os capitaes em moeda tem afluido todos para ésta cidade; aqui se formam todas as companhias, aqui se centralizam todos os interesses. Até certo ponto isto não póde deixar de ser assim; mas o que é certo é que o numerario escaceia nas provincias, e que ésta falta estorva em grande parte a prosperidade d'ellas, difficultando muito os meios de promover a sua industria e commercio.

O dinheiro, como todos sabem, não é a unica nem a principal das riquezas; mas como instrumento de permutação é indispensavel que haja o necessario para facilidade e segurança das transacções sem as quaes não se póde desinvolver a industria. Ora, como disse, o numerario escaceia nas provincias, e o meio que me parece unico, de fazer circular la a moeda necessaria para desinvolvimento da sua capacidade industrial, é o estabelecimento de caixas-filiaes do Banco-de-Lisboa n'algumas das terras mais commerciaes do reino.

É muito para lamentar que sendo o Banco o mais antigo dos nossos estabelecimentos do seu genero; que sendo elle o unico cujas notas, ou moeda papel, é recibida como dinheiro de contado nas estações do Estado, não tenha até agora dotado o paiz á excepção do Porto, com tammanho beneficio como este que indico! A companhia Confiança-nacional tem em Coimbra, e não sei se terá tambem em mais alguma parte, uma caixa de descontos: a companhia União commercial tem em Evora uma caixa-filial; mas o Banco-de-Lisboa não tem em parte nenhuma um estabelecimento da sua natureza que possa accudir ás necessidades públicas.

A moeda-papel tem vantagens de preferencia á moeda metallica; e ainda que eu não argumentarei com a opinião absoluta de Ricardo, que a julga a mais perfeita das moedas, comtudo não se póde negar que quando o credito d'ella se estabelece n'uma garantia segura, o seu uso dá facilidades de transacções, commodo e outras vantagens, que a tornam como indispensavel. Nas nossas provincias porém falta inteiramente este signal representativo da moeda metallica; nem em nossas actuaes circumstancias ésta falta se póde la preencher senão com as notas do Banco, porque éstas não encontram embaraços no seu curso; talvez pela certeza e facilidade com que alli são trocadas por numerario nos estancos do tabaco e recibidas nas estações do Estado.

Os beneficios da introducção d'este meio circulante nas terras de provincia, seriam ainda augmentados pela segurança das transacções das differentes terras entre si e de todas ellas com a capital. As caixas de desconto da companhia Confiança e a caixa-filial da companhia União, nem preenchem estes beneficios, nem mesmo é seguro se com effeito são reaes os beneficios que por meio d'ellas se obteem. Alguns imprestimos que a caixa-filial de que tracto tem feito no Alemtejo, são, segundo se diz, onerosos para os proprietarios; as lettras acceitas apenas o são a curtos prasos e nem sempre se consente nas reformas; além d'isso a *conciliação* de que fazem preceder o imprestimo, afim de ficar apparelhada desde logo a execução contra o devedor, são circumstancias que neutralizam, pelo menos, os beneficios que de tal instituição poderiam provir.

Eu não quero de modo nenhum infligir censura ao procedimento da companhia. Póde ser que ella faça o mais que póde e so quanto póde e como póde; e em todo o caso está no direito de exigir todas as seguranças e meios para garantia e interesses do capital mutuado. Todos os inconvenientes que o paiz soffre n'este e muitos outros pontos, procedem da sua má organização economica e de não se tractar, nem pensar, nem querer procurar os meios de lhe ser util. Aponto

os factos: e oxala que eu soubesse muitos para com todos elles fazer manifesto e clamar, repetidas vezes, pela necessidade de se attender á felicidade pública em todos os pontos e por todos os modos.

E apontando estes factos eu não tenho outras vistas mais do que demonstrar a precisão das caixas-filiaes do Banco-de-Lisboa nas provincias do reino, indispensaveis para a prosperidade d'ellas: e digo do Banco, porque o credito d'este estabelecimento ninguem se lembra de o constestar, porque as suas notas ja teem curso nas provincias, e porque são ellas tambem as unicas cuja admissão está auctorizada nos cofres do Estado.

ASSUCAR E PAPEL DE MILHO.

510 Alguns annos ha que M. Pallas demonstrou com interessantes experiencias: primeiro, que a cana do milho continha não pequena quantidade de assucar crystalisavel, identico ao da cana d'assucar; segundo, que a operação da castração, ou corte das glandulas femeas, augmentava a quantidade do assucar, de maneira que o tronco do milho ficava sendo uma verdadeira cana d'assucar. Disse tambem qual era o partido que se podia tirar das folhas d'esta planta, tam facil de cultivar, para d'ellas se fazer papel.

M. Pallas acaba novamente de apresentar á academia de Paris dois factos da maior importancia a este respeito. A cana do milho, cultivada na Nova-Orleans desde 1840, segundo as suas ideias e pelo methodo de castração, é hoje preferida á verdadeira cana d'assucar.

O outro facto é, que todo o commercio de Paris e das provincias quasi que ja não apresenta senão papel feito de milho pelos processos simples publicados por M. Pallas. O fabrico d'este papel é tão pouco dispendioso que o papel de milho vende-se hoje na fabrica pelo preço infimo de 20 francos por kilogrammo.

Estes factos são tam importantes que, se authenticamente fossem demonstrados, a cultura do milho e o commercio do assucar da America mudariam inteiramente de face em todas as nações da Europa. Eu julguei que, pelo menos, nada se perdia em dar d'isto conhecimento aos leitores da Revista. Quando assim fosse verdadeiramente, o nosso paiz seria sem duvida dos que mais utilizasse com o estabelecimento entre nós d'uma nova industria e das mais importantes, pelo grande consummo que a natureza de nossos habitos faz que hoje dêmos ao assucar.

NOVO SYSTEMA DE CARRUAGENS.

511 O doutor Bunger, de Berlim, inventou uma carruagem de seis rodas, que são postas em movimento por um mechanismo particular. Duas d'estas rodas servem de dirigir o vehiculo em todos os sentidos. Um pequeno impulso dado do interior da carruagem é bastante para a fazer avançar ou recuar á vontade, e até mesmo para a fazer andar mais de vagar, ou fazel-a parar instantaneamente. Sobem-se e descem-se as alturas mais ingremes sem perigo. Cada roda tem cinco pés de diametro. Este novo systema é util egualmente sôbre os carrís de ferro e pelas estradas ordinarias. O mechanismo com que Mr. Bunger governa a sua carruagem, é de tal modo simples que á primeira vista se percebe logo como se ha de fazer para ella avançar, voltar, recuar e parar. Uma d'estas carruagens experimentada já n'um carril de ferro, e que levava 18 quintaes de pêso, venceu o espaço de uma milha em 24 minutos.

MACHINAS DE VAPOR.

512 O aperfeiçoamento ha tanto tempo desejado e procurado das machinas de vapor, parece estar a ponto de verificar-se. Um francez, M. Gallard, inventou um systema chamado por elle de duplice-motor, que apresenta, segundo se diz, incontestaveis vantagers. Esta nova machina funcciona em Pariz publicamente para que todos a possam observar.

A primeira vantagem que dá logo na vista é a suppressão do fumo: o que contribue para augmentar a fôrça que produz uma ingenhosa combinação de vapor e de ar dilatado. Se é verdade tambem que a fôrça excede a que o diametro dos pistons poderia prometter; que a combustão é menos de ametade; a construcção e conservação menos custosa; póde-se esperar de vêr tornar quasi commum o emprego do vapôr, e que a machina de duplice-motor seja preferida dentro em pouco para os caminhos-de-ferro, navegação, e demais misteres em que até hoje se empregam os systemas tão custosos como defeituosos que tem sido forçoso de usar.

MEDICINA

DOIS FACTOS CURIOSOS.

513 Os jornaes inglezes contam que havendo fugido um leopardo da jaula que o guardava, um mendigo coixo, que mal se podia arrastar, cobrou tal medo á vista do terrivel animal, que immediatamente recobrou o uso das pernas, e poz-se a fugir com a maior velocidade.

Outro jornal inglez de medicina, o *Medical Times*, conta que um homem que pertendeu suicidar-se, enforcando-se, fôra tornado á vida pelo Dr. Noyce, por meio d'affusões de agua-fria. Quando o medico foi chamado a respiração do affogado tinha cessado, mas o seu coração batia ainda, se bem que mui froixamente. Assim que lhe foi applicado o tractamento do Dr. Noyce a respiração tornou a apparecer, e depois de uma larga sangria o doente tinha recuperado as suas fôrças.

Pareceu-me que não devia deixar de dar noticia na Revista d'estes dois factos extraordinarios, porque; ou encarecidos ou não, o *Medical Times* é um jornal de conceito, e o outro parece estar comprovado.

INSTITUTOS DE BENEFICENCIA.

514 No artigo 4.092 do 4.° volume d'este jornal démos ja conta da existencia de uma associação de soccorros, que se denomina de — Nossa Senhora da Rocha, — instituida ha mais de trez annos na freguezia da Sé d'esta côrte, e cujo fim é valer, aos que para ella concorrem com a modica quota de quarenta réis semanaes, na doença, na prisão, e na total inhabilidade.

A virtude mais celestial e christan, — que é a da caridade; o principio mais humano e civilisador, — que é o da associação, vieram a abraçar-se n'esta sorte de creações. Deus as abençôa, porque n'ellas está a execução do mais formoso dos preceitos, que elle nos deixou. O povo affeiçoou-se-lhes, porque, no proprio

momento, em que mais necessita recursos os encontra alli promptos e infaliveis. Institutos, que nasceram, e enrobusteceram á sombra da arvore do christianismo e da arvore da civilisação, não era possivel que deixassem de abrigal-os os braços robustos de uma, e as virentes ramagens da outra.

Se as classes laboriosas não tem hoje concorrido todas a reunir-se em tôrno d'este pensamento generoso, e grande, é preciso irrogar-se a culpa á forma porque elle tem sido algumas vezes realisado. O povo viu algumas associações de soccorros ameaçarem ruina logo ao começar, — como arvores nascidas na aresta do abysmo, tremeu por ellas, affastou-se: — o tempo provou, que com razão...

Entretanto na associação de Nossa Senhora da Rocha o systema de gerencia, alem de decretado e approvado por Sua Magestade, está no nosso intender menos mal concebido, e promette-lhe um futuro bastante esperançoso: — parece-nos que a seguinte estatistica não deixa a nossa opinião totalmente falha de fundamento.

A associação soccorreu com 200 réis diarios, cirurgião e botica a 413 infermos; e so com cirurgião e botica a 225; com estes soccorros, e com os de mais objectos de expediente, etc. despendeu 2:437$391 réis; ao passo que a sua receita, constante das quotas dos associados, e dos juros do dinheiro depositado na caixa-economica, foi de 2:335$454 réis. O dinheiro depositado, a que nos referimos, importa em réis 378$690, e os juros do anno findo foram 17$704 réis. Em o decurso do anno entraram 357 novos socios. O *deficit* de 101$937 réis que houve, foi devido á grande quantidade de molestias que grassaram nos primeiros mezes do anno.

Offerece se-nos opportuno ensejo de fazer publico e louvavel proceder d'alguns cidadãos das freguezias de Santa Isabel, Lapa, San'Mamede, e San'Sebastião da Pedreira, que, envidados pela bem conhecida generosidade dos seus animos, se reuniram espontaneamente em commissão para auxiliar este instituto, promovendo o augmento dos seus socios n'aquellas quatro parochias. Os individuos citados foram os Srs. Coronel Adão, Castilho (Antonio), Ribeiro Neves Junior, Augusto Xavier Palmeirim, Domingos Lobato Barroso de Faria, José Candido da Assumpção, e o muito digno e revcrendo prior de Sancta Isabel.

J. M. Campêlo.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXII.

Tornâmos á historia de Joanninha. — Preparativos de guerra. — A morte. — Carlos ferido e prisioneiro. — O hospital. — O infermeiro. — Georgina.

515 'Escuta!' disse eu ao leitor benevolo no fim do último capitulo. Mas não basta que escute, é preciso que tenha a bondade de se recordar do que ouviu no capitulo XXV e da situação em que ahi deixámos os dous primos, Carlos e Joanninha.

N'este despropositado e inclassificavel livro das minhas VIAGENS, não é que se quebre, mas inreda-se o fio das historias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e o sinto, so com muita paciencia se póde deslindar e seguir em tam imbaraçada meada.

Vamos pois com paciencia, caro leitor; farei por ser breve e ir direito quanto eu podér.

Lembra-te como n'uma noite pura, serena e estrellada, aquelles dous se despediram um do outro no meio do valle, como se despediram tristes, duvidosos, infelizes, e ja outros, tam outros do que d'antes foram.

N'essa mesma noite, a ordenada confusão de um grande movimento de guerra reinava nos postos dos constitucionaes. Á longa apathia de tantos mezes succedia uma inesperada actividade. Preparavam-se os sanguinolentos combates de Pernes e de Almoster, que não foram decisivos logo, mas que tanto appressaram o termo da contenda.

Carlos achou ordem de se appresentar no quartel-general, partiu immediatamente. O pensamento absorvido por ideas tam differentes, tam confuso, tam alheado de si mesmo, seguiu machinalmente o corpo. Foi, chegou, recebeu as instrucções que lhe deram, e voltou mais satisfeito, mais tranquillo.

Tractava-se de morrer. Não sabe o que é verdadeira angústia d'alma o que ainda não abençoou a morte que viu deante de si, o que a não invocou ainda como unico remedio de seu mal, ou, o que é mais desesperado, como unica sahida de suas fataes perplexidades.

Estes momentos são raros na vida, é certo; mas quando occorrem, não ha exaggeração nenhuma em dizer que antes, muito antes a morte do que elles.

Oh! e se a morte que se contempla é de honra e glória, se o enthusiasmo, tirando fortemente a corda dos nervos, os faz vibrar n'aquelles tons secretos e mysteriosos que arrebatam, e elevam o coração do homem á sublime abnegação de si, e de tudo o que é piqueno, baixo e vil na sua natureza — oh então a morte parece um triumpho, uma bemaventurança por certo!

Carlos esqueceu-se de tudo menos da sua espada que affiou com escrupuloso cuidado, e das suas boas e seguras pistolas inglezas que limpou minuciosamente, carregou e escorvou com um verdadeiro amor de artista que se compraz no último acabamento de um trabalho predilecto.

O pouco da noite que lhe restava passou-se n'isto, a marcha começou antes do dia. E os pri-

meiros raios do sol foram saudados pelo fuzilar das espingardas e pelo trovejar dos canhões.

Combateu-se larga e incarniçadamente — como entre irmãos que se odeiam de todo o odio que ja foi amor — o mais cruel odio que tem a natureza!

O dia declinava ja quando n'um hospital em Santarem entravam muitas maccas de feridos, e entre elles, um todo crivado de ballas e cuberto de sangue que, assim pelos restos do uniforme como por certo ar bem conhecido — e charecteristico então, se via claramente ser do exército constitucional.

Eram muitas e perigosas as feridas d'esse homem; estenderam-n'o n'uma especie de tarimba sôbre que havia alguma palha, e quando lhe chegou a sua vez foi examinado e pençado como os outros. Não dava signal de padecer, tinha os olhos fechados, o pulso forte mas não agitado de febre; não proferia uma syllaba, não soltava um ai, e prestava-se a tudo o que lhe diziam e faziam, menos a soltar da mão esquerda que apertava contra o peito o que quer que fosse que alli tinha seguro e que lhe pendia ao pescosso de uma estreita fitta preta.

Assim o deixaram largo tempo: elle adormeceu. Não sería largo, mas foi profundo o seu dormir. Quando acordou ja se não viu no vasto caravanseray d'aquelle confuso hospital, mas n'um pequeno quarto arejado, limpo, e quasi confortavel que em tudo parecia cella de convento, menos na boa cama em que jazia o doente, e na extremada elegancia do infermeiro que o velava.

O quarto era comeffeito uma cella do convento de San'Francisco em Santarem, o doente o nosso Carlos; e o infermeiro que o velava, uma bella mulher de estatura não acima de ordinaria mas nem uma linha menos, involvida nas amplissimas pregas de um longo roupão de seda d'aquella acertada côr que em dialecto da rua Vivienne, se diz *scabieuse*; a cabeça toucada de finissima Bruxellas, com uns laços de preto e côr de granada que realçavam a transparencia das rendas, a infinita graça dos longos e ondados aneis louros do cabello, e a pureza symetrica de um rosto oval, classico, perfeito, sem grande mobilidade de expressão mas bello, bello, quanto póde ser bello um rosto em que pouco d'alma se reflecte, e em que a serena languidez de uns olhos azues entibia e modera a energia do sentimento que não é menos profundo talvez, mas certamente se expande menos.

De joelhos juncto ao leito de Carlos, com a mão direita d'elle nas suas, os olhos seccos mas fixos nas descahidas palpebras do soldado, aquella mulher estava alli como a estátua da dor e da anxiedade. A uma porta interior e que abria para uma especie de alcova obscura, em pé, os braços cruzados e mettidos nas mangas, o capuz na cabeça, estava um frade velho, alto mas curvado do pêso dos annos ou dos soffrimentos.

O frade contemplava o infermo e a infermeira, mas visivelmente não queria ser visto n'essa occupação, porque ao menor estremecimento do doente recuava apressado e como assustado para o interior da sua alcova.

Uma so vela de cera allumiava este quadro, accidentando-o de fortes sombras, e dando-lhe um tom de solemnidade verdadeiramente magico e sublime.

Carlos segurava ainda na esquerda com o mesmo affêrro o relicario ou talisman, o que quer que era que não queria desprender de seu coração. A bella infermeira beijava de vez em quando aquella mão tenaz que estremecia a cada beijo por mais suave e mimoso que fosse o leve contacto d'esses labios delicados.

A outra mão estava nas mãos d'ella, mas era insensivel a tudo, essa.

O silencio era o do sepulchro: so se ouvia o respirar incerto e descompassado do infêrmo.

Derepente Carlos entreabriu as palpebras e exclamou em inglez: '*Oh Georgina, Georgina, I love you stil.*' — (Georgina, Georgina, eu ainda te amo).

Duas lagrymas — duas perolas, d'estas que se criam com tanta dor no coração e que ás vezes sahem com tanto prazer dos olhos — romperam do celeste azul dos olhos da dama e suavemente correram por aquellas faces de uma alvura pallida e mortal.

Carlos accordou de todo, abriu os olhos e cravou-os fixamente no rosto angelico d'aquella mulher.

Esteve assim minutos: ella não dizia nada nem de voz nem de gesto: fallavam-lhe so as lagrymas que corriam quietas, quietas, como corre uma fonte perenne e nativa d'agua que mana sem esforço nem impeto, por um declive natural e facil.

— 'Onde estou eu, Georgina?'

— 'Nos meus braços.'

— 'Que me succedeu?'

— 'Que não podes ser feliz senão n'elles: bem sabes.'

— 'Sei... devia saber.'

—'Hasde sabel-o agora. O passado...'

—'O passado! qual?'

—'O passado deixou de existir.'

—'E o futuro?'

—'Eu não creio no futuro.'

—'Porquê?'

—'Porque tu me disseste que não cresse.'

—'Eu!.. Eu sou um...'

—'Um homem.'

—'Oh!'

—'Basta e descança. Amanhan fallaremos.'

—'Estou ferido, muito, e doe-me agora... não me doía.'

—'Estás, mas sem perigo: e estou eu aqui. Dorme.'

—'Não posso. Que casa é ésta?'

—'San'Francisco de Santarem.'

—'Deus de misericordia!'

—'És prisioneiro: sára, e eu te livrarei.'

—'Tu!—E tu aqui, como?'

—'Vim buscar-te, e achei-te assim.'

—'Georgina!'

—'Que tens tu ahi tam seguro na mão esquerda?'

—'Vê: a medalha com o teu cabello.'

—'Então amas-me tu ainda?'

—'Se te amo! Como no primeiro...'

—'Não mintas, Carlos.. E dorme.'

—'Oh meu Deus, meu Deus! Georgina aqui, eu n'este estado e... E a minha gente?'

—'A tua gente está salva.'

—'Aonde?'

—'Aqui mesmo, em Santarem.'

—'Quero... não quero... Oh sim, quero mas é morrer. Tende misericordia de mim, meu Deus!'

—'Socega, Carlos.'

Mas Carlos não socegava: immudeceu porque a torrente de seus pensamentos, o incontrado d'elles, e o inesperado d'aquella situação lhe imbargavam a voz, e o quebramento das fôrças lhe tolhia os movimentos do corpo; mas o espirito inquieto e alvoraçado revolvia-se dentro com um phrenesi louco. Era pasmar o que elle soffria.

Á fôrça de bebidas calmantes o accesso diminuiu, a noite passou mais tranquilla; e pela manhan o doente não dava cuidado ao facultativo que o veio ver.

Prohibiram-lhe fallar; e Georgina tinha a coragem de lhe resistir, de lhe não responder todas as vezes que elle tentava resistir ao preceito de que dependia a sua vida... e a d'ella, porque a infeliz amava-o... oh! amava-o como se não ama senão uma vez n'este mundo.

Passaram dias, semanas; Carlos estava melhor, estava salvo; Georgina pôde dizer-lhe um dia:

—'Carlos, meu Carlos, tu estás livre de perigo, vou restituir-te aos teus.'

—'Os meus!'

—'Os teus. Tua avó, tua prima...'

—'Joaninha! oh! Joanninha...'

—'Tua avó que tambem tem estado a morrer mas que emfim está escapa, ignora que tu estejas aqui. Occultámo'-lo egualmente a tua prima.'

—'Ah!'

—'Sim, assentámos de lh'o não dizer a uma nem a outra até que tivessemos certeza da tua melhora. Hoje porêm vais ve-las. E eu...'

—'Tu!'

—'Eu não tenho aqui mais nada que fazer.'

—'Georgina!'

—'Carlos!'

—'Tu ja me não amas?'

—'Não.'

Seguiu-se um silencio torvo e abafado como o da calma que precede as grandes tempestades. O rosto de Georgina estava impassivel, Carlos estorcia-se debaixo de uma compressão horrivel e incapaz de se descrever.

(*Continúa.*) *A. G.*

DO PARIATO. [*]

516 Tendo considerado o poder real e o poder espiritual, vou agora resumir as qualificações que a nossa historia assignalla ao poder nobre em Portugal. Eu sei que os nossos historiadores não são dos mais seguros no que dziem; como eu porém no mais os tenho seguido, não quero, no que me resta dizer, faltar á mesma fidelidade de até aqui, em transcrever o que n'elles achar.

Um dos primeiros factos e mui singular, quasi unico, que tenho encontrado ácerca das preeminencias dos nossos nobres, e que vem na Hist. Geneal. [L. 13]. é um diploma a favor dos morgados de Taboa em que se lhes confere jurisdicção para poderem fazer toda a justiça de sangue. Outro ha, mas ja de menor cathegoria, na Bened. Lus. (Tom. 2.° P. 1.ª] de D. Vasco Pimentel, grande privado de D. Affonso III, que decahindo da graça d'elrei, se passára a Castella com 250 de cavallo. Em outro logar d'esta chron. [Parte 4.ª cap. 10] temos D. Fafes serraceno que foi mui ricco homem e morreu' com peça de cavalleiros seus vassallos.' Th. Ant. de Villa-Nova Port. [Mem. Acad. Tom. 5.°] tambem diz que os senhorios cortavam os pés e inforcavam os officiaes de justiça que entravam nas suas jurisdicções.

Pela Chro. [de Fernão Lopes] de D. João I não menos se percebe que, cada qual que fazia prisioneiros os fazia por sua conta. E ás vezes os pontentados desnaturalizavam-se do reino para melhor fazerem as suas

[*] Continuado de pag. 477.

capturas na guerra. É isto o que se deprehende do contracto de casamento da infanta D. Brites. [Era 1421 Hist. Geneal.]

É sabido de todos que os nossos grandes tiveram o privilegio tambem, de onde criavam seus filhos ficar o logar fruindo regalias excepcionaes, e chamar-se-lhe *amadego*. [Elucidario, *Verbo*.]

No Elucidiario ha tambem o exemplo do exercicio do *cutelo* ou morte natural e civil, exercida pelos nossos magnates em 951, 989, e 1068; mas estes exemplos são anteriores ao conde D. Henrique e não sei eu quanto valor tenham. O douto João Pedro Ribeiro nas Mem. da Acad. [Tom. 2.°] da-nos conta da arrogancia dos donatarios, e do seu direito de correição. Na Hist. Geneal. [L. 13] transcrevendo da Mon. Lus. [P. 8. L. 22 cap. 34.] refere-se um caso raro de guerra entre particulares portuguezes: é o do mestre de Christo D. Lopo Dias de Souza e o conde D. Gonçalo Telles com 500 lanças para vingar a morte de sua mãi e irman que tinham sido mortos por o infante D. João. No seculo XIV [em 1373], segundo a Hist. de Braga de D. R. d Cunha, o arcebispo D. João Cardolaco IV devia dar em *feudo* o castello de Ervededo a G. P. de Meira, consentindo o Pontifice. É de suppôr que este consentimento se não obtivesse, porque posteriormente encontra-se este castello aforado por 60 libras a G. Pereira. Na mesma Hist. [parte 2.ª cap. 60] vem outro acto da independencia que affectava a nossa antiga aristocracia. Foi o de Fernão de Lima, tendo *guerra* com o arcebispo D. L. Peres, para o que ajunctou muita gente de mão armada, indo com ella sôbre o cabido de Braga: e não quiz o duque de Bragança tomar n'elles meio algum de concordia, posto que fronteiro mór, e ter de suas terras 5 a 6,000 homens para este desforço.

Os senhores do ducado que acabâmos de mencionar davam commendas de sua mão a subjeitos de *sangue*, so para seu serviço ducal. Os duques de Bragança tambem recebiam os embaixadores á laia de reis; mandando-os attender por homens accrescentados e gentishomens. Na villa do Conde, por mercê de Philippe em 1604, os officiaes de justiça chamavam pelo duque. [Hist. Geneal].

Remontando aos primeiros seculos do reino, vê-se na Mon. Lus. [F. Brand., L. 17, C. 35] que alguma fiscalisação exerciam sôbre a corôa os nossos riecos homens. Era costume, por exp.: a corôa não dever alhear castello sem consentimento e consulta d'elles e dos prelados. Para aquelles e para estes havia pensões que vislumbram germens feudaes. O cap. 29 da chronica acima citada, dá a conta dos pães a que elles tinham direito para o jantar e para a cêa. Além d'estas imposições, as aposentadorias e as contadas dos nobres e fidalgos eram horrorosas, [côrtes 1434, cap. 123, 126] ainda que ahi mesmo se responde que ja tinham sido peiores. N'esta resposta não havia nenhuma inexactidão porque em 1409, fazendo D. Fernando côrtes em Lisboa, disse-se no capitulo 60.° 'e os fidalgos a quem *demos* villas e logares do nosso senhorio, agravom o polo quebrando-lhe seus usos, costumes e foros e liberdades e outras graças e mercês e se alguem o quer refretar a nos por torvadores da sua prol tomam as roupas alheas e usam d'ellas até que as rompem e tomam galinhas e palha e lenha, e mulheres e filhas, e fazem tantas sem razões que os moradores dos dittos logares quizeram antes se em honra nossa podesse ser que fossem vendidos a mouros.'

No reinado de D. João I, anno de 1427, repetem-se os clamores contra a jurisdicção dos donatarios: signal este de que ella dava que sentir, e portanto de que elles tinham poder. O visconde de Santarem tambem falla d'estas violencias nas suas côrtes. (1827 part. 2.ª) Havia de entre estes senhores, taes que tinham o privilegio de não ir em hoste á fronteira, salvo indo com elrei.

Em tempos muito mais modernos do que este que venho de notar, em que faziam essa reserva para si, quiz elrei D. João II, e D. Sebastião, regular o padrão das medidas, e os fidalgos não lh'o consentiram porque gostavam da variedade n'ellas. (A. C. de Menezes: Prat. Juis. div. v. 2.° p. XXV). 'Assylavam os proceres d'estes reinos, nas suas terras, malfeitores, lançavam pedidos; davam os officios aos seus criados; intromettiam-se na eleição e data dos conselhos; tinham senhorias e privilegios: exemplo entre a infinidade dos proes que elles gozavam, os que possuia D. Jorge.' (Figueiredo: Syn. chro. 1790).

As extorsões que praticavam foram o thema das côrtes de Vianna a par d'Alvito (a. d. 1842. Vis. Sant., cortes, 1828, 2.ª part.) Muito anteriormente nas de Coimbra por D. Fernando, no anno de 1372, sôbre doações excessivas de senhorios de terras com mercê do mixto imperio, foi dito, que 'taaes hy avia que delles dezjam que pois lhas *deramos*, que as podiam vender, e a penhorar como suas cativas, asi que os ditos moradores, donde antes queriam ser em poder de mouros, cá nom entendiam tam mal de passar pela qual razom estavom em ponto muitos dos ditos loguares de serem ermos.'

Depois de dois reinados tornam as côrtes em capitulos geraes feitos em Santarem, no anno de 1434., a articular no cap. 6.° dos mesmos 'padecemos antre nós tanta tribulaçam trabalho e afflicam e sogeição nos corpos e haveres e honras como se fossemos na maior guerra do mundo, e isto pelas terras e jurisdicções que são dadas aos fidalgos e pessoas de que sentimos estes padecimentos e outros muitos damnos.' A isto elrei D. Duarte foi tão bom senhor que deu em resposta 'que éstas regalias lhe foram dadas em recompensa de serviços, que lhas não hade tirar.'

Já em 1372 nas côrtes de Leiria, que tinham sido chamadas para elrei D. Fernando fallar com homens bons de algumas cidades e villas do seu senhorio, tinham-lhe estes dito que revogasse as grandes *doações* de terras, que tinham sido concedidas. O proveito d'esta instancia foi porém de pouco, como se tem visto. E por muito tempo assim lhe foi succedendo.

Elrei D. João II (*Ined. Ruy de Pina*) que 'matou per si aas punhaladas ho duque de Vizeu,' que mandou justiçar o duque de Bragança e diversos fidalgos, tractando e chronista Resende de suas feições, costumes e 'manhas,' diz d'elle: 'que em quanto ao mais que não fosse prerogativa, foi tudo de quem o tomou porque elle fez escala franca.' O seu descendente do mesmo nome foi o mesmo, porque em capitulos geraes de 1525 ou 1535, lhe supplicaram que não *désse* mais cidades ou villas senão em cortes geraes.

Não era comprehendido nenhum outro modo de reinar senão o de doar e arrendar e tambem vender, e isto durou entre nós até meiados do seculo XVIII. D.

Affonso V, diz a Hist. Geneal. [no tom. 2.º] tractando d'este rei, que fez mais doações do que nunca fizeram quatro reis, os que mais viveram n'estes reinos. A relação d'ellas alli vem. Os proprios Philippes tambem tiveram o mesmo costume. Diogo Soares, secretario d'Estado do último d'elles em Portugal, ainda comprou por quarenta crusados o senhorio de Punhete (Peg. a d. ord. t. 10.) A casa de Bragança tambem depois de assentada no solio fazia suas vendas; mas essas um pouco mais caras, porque vendeu o correio por 70,000 crusados [Peg. T. 7.] As descobertas, apenas se fizeram, passaram logo a arrendar-se. [Barros: dec. 1.ª]

A munificencia real era tal que se lhes não dava aos monarchas, que a sua progenie casasse nas familias dos particulares. Tão riccos os tinham elles feito! Elrei D. Affonso III (era 1311) casou sua filha D. Leonor com D. G. G. de Sousa alferes-mór. Elrei D. Manuel deixou em testamento (an. de 1517), que as pessoas reaes casem em as casas 'de alguns grandes para aliviarem a coroa:' H. Geneal. (L. 14, n.º 11 e Tomo 2.º) Tudo era pouco para alienar. As dotações das rainhas, os apanagios dos infantes, não sahiam nem se faziam senão á custa dos subditos, ou em direitos de que os privavam ou de fazenda. D. Affonso, (era 1365), casando sua filha com D. Affonso de Castella, hypotheca terras do reino ao contracto de casamento. As arrhas da infante D. Constança, (era 1378) tambem são as aldeas, termos e rendas, jurisdições, direitos e pertenças de Vizeu, Monte-Maior e Alenquer. O mesmo a doação a D. Isabel filha d'elrei D. Fernando (era 1415) de Vizeu, Linhares, Celorico e outros logares, 'em dote e casamento para fazer d'elles e com elles todo o que quizerdes como de vossa coisa propria.' (Hist. Geneal.) D. Fernando doa a D. Leonor, Villa Viçosa, Abrantes, Almadáa, Cintra, Torres Vedras, Alenquer, Atouguia, Obidos, Aveiro, os reguengos de Sacavem, Frielas, Unhos, Merles. (*Ined.*) Os filhos de D. João I foram todos dotados em cortes, (era 1416.) Além d'esta dotação geral, o infante D. Henrique teve a ilha da Madeira etc. (*Peg. ad ord. T.* 12.) Fr. Brandão (L. 18. C. 30.) diz que se demasiavam nos donativos para os casamentos dos filhos do rei e para os fidalgos tambem. As rendas da alfandega mesmo, por tal arte se intendia a gerencia do thesoiro que é do público, acham-se todas doadas a D. João II, sendo ainda infante. (Goes C. 102. Vida d'este rei.)

Estas doações não foram por um so rei ou n'um so seculo. Restaurado o throno aos legitimos senhores, deu D. João IV ao infante D. Pedro as saboarias do sabão preto e branco da cidade do Porto, villas e logares das commarcas de Traz-os-Montes, e Entre-Douro-e-Minho. Em 1695 deram-se 20 mil crusados na alfandega de Lisboa e 10 mil na do Porto ao infante D. Francisco. E deram-se lhe millessimas coisas mais. (Hist. Geneal. T. 5, L. 7.º) Ao conde de Vimioso em 1534, deu-se exempção de direitos salvo no que fôr para vender. Em 1656, são a Azinhaga e Cartaxo, feitas villas para dotar D. Maria filha natural d'elrei D. João IV (Hist. Geneal.) Dos nossos dias é a casa do Infantado. (Mello Freire L. 2. T. 3. §58). Os officios eram lotados todos, qual a 400$ rs. qual a 200$ rs. etc. e eram não menos do que o de condestavel e almirante do reino etc. (Peg. ad ord. Tomo 12.) O habito de Christo valia a 600$ rs. tambem para se dar (Id. Tomo 10.) D. Affonso I deu $\frac{1}{3}$ do que podessem adquirir até ao Tejo e para além, aos militares do Templo de Salomão etc. (Hist. Mil. Ord IHS, B. da Costa.) Em tempos muito modernos em comparação com este o marquez de Cascaes teve a permissão de vender bens da coroa a titulo de ser o seu producto para despezas de uma embaixada (Peg. ad ord. Tomo 11.) A Hist. Geneal. (Supp. p. 660) diz que eram 3,000 e tantos os moradores na casa d'elrei D. João III. Diz o chronista D. Goes (4. p. c. 3.) que a moradia do rei é o que mais estimam os portuguezes. E foi porque lhe não correspondiam á que elle merecia que Magalhães desertou. O infante D. Pedro em 1447 obteve a exempção de direitos para toda a ilha de San'Miguel por lh'a terem doado. A chr. de D. Goes e de D. João II não é senão uma chronica de munificencia.

As mercês não eram so aos homens, as mulheres igualmente participavam d'ellas. (J. P. Ribeiro: Tomo 1.º Mem. d'Acad. p. 166.) Em 1692, e em tempo do último dos Philippes vejo eu em Peg. ad ord. (Tomo 10 e 13) que os direitos de um senhor donatario ainda não eram menos do que podêr pôr ouvidor, abrir as pautas, apurar eleições, confirmal-as, e que os officiaes de justiça chamem por elle, e prover estes, e a data dos officios, padroados da igreja, e alcaidaria mór. Não sei se o primeiro d'estes dois casos pertence a ascendentes do Sr. Duque de Palmella, o segundo é de Diogo Soares, sec. d'Estado.

Eu tenho citado tantas vezes Pegas porque este jurisperito é o historiador em familia de todas as nossas casas de distincção. Além d'isso, como regra geral, quem quizer ter essa curiosidade hade reconhecer, que a historia intima de um paiz se estuda muito nos seus tribunaes civis. Alli vai parar a resolução de contractos feitos no decurso da vida e de que passados seculos em mais parte nenhuma se acharia a tradição. É so por esta consideração que póde ser perdoavel hoje que ha tanto que fazer, a leitura dos in folios de Pegas. Foi o instincto de la deparar com algum adminiculo que me ajudasse a instruir este retrospecto, que me deu ânimo de ler uma dedicatoria em que se encontram trexos taes como este: 'A S. P. N. S. D. Isabel Maria Francisca. E aonde havia de ir buscar a luz senão em V. A. legitima successora d'ella; e n'aquelle refulgente sol que tendo as vontades por resplendores e os beneficios por influencias, alegra o ceu alenta a terra e admira o mundo? No altar de um leal e affectuoso coração consagro a V. A. a victima d'este livro, sendo tantos os votos d'este humilde sacrificio, quantos os characteres d'este dilatado volume.'

Deveras que muito prova o foro civil para a historia de qualquer paiz, e toda a pessoa que tentar escrevel-a sem compulsar archivos, escriptos, e cartorios que digam a escrivães, perde cabedal de muito proveito para a sua tarefa. D'ahi se derivam alguns raios de luz. O exemplo está á mão em Portugal. Ainda não cessou de se dizer desde o seu acontecimento que a occupação d'este reino pelos Philippes foi o lençol de mortalha para esta nação. Este axioma, se o é, anda vago na bôca de todos; porém um incidente notavel, que então começou a avultar e continuou depois a propagar-se, o qual torna acreditavel aquelle sentimento

da nossa decadencia, é escrever-se e ler-se: Manuel Mendes a Castro em 1604, em 1725, e em 1736; Alvaro Velasques que post varias editiones seorsum editas, conjunctas, prodierunt, Francfort, 1659 fol. Coimbra 1680 e 1752 e Colonia 1731; Amator Rodrigues, Madrid 1609, Francfort 1615; Alvaro Pegas cançou os prelos extrangeiros e nacionaes desde 1675 até 1736, e teve ainda um continuador em Manuel Gonçalves da Silva. Hoje, qual é o livro por mais palpitante, que demande uma segunda edicção? Correm annos n'um dia, tudo é actual, ninguem olha para o passado apenas elle passa.

[Continúa.] *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

OSMIA. Conto-historico-lusitano, em 4 quadros, seguido de outras poesias por *José Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque.*

517 Quando as imprensas do nosso pequeno Portugal gemem espesinhadas debaixo da barbara invasão das mais insipidas e insulsas composições de todos os generos litterarios, é para nós um dia de festa aquelle em que vimos não ja os rasgos poeticos do genio e do bom gôsto, mas ao menos meia duzia de paginas de bom senso. E'sta escacez de boas obras litterarias, este desalento poetico tem, como todos os phenomenos da natureza, a sua causa, e a sua explicação. Nós vamos n'um periodo litterario de curta duração, n'um periodo tranzitorio; a litteratura moderna nasceu hontem, e ja está velha e gasta, como envelhecem e se gastam todas as theorias, todos os systemas, e todas as escholas, seja de que natureza forem. A reacção contra os principios das antigas crenças poeticas e litterarias começou com enthusiasmo; a primeira lucta contra os principios estacionarios foi brilhante para os primeiros escriptores da eschola moderna, e elles foram grandes e heroicos: mas esse tempo passou rapido, seguindo-se-lhe bem depressa uma especie de desalento, uma especie de calmaria, que vaticina ainda longe as convulsões de uma nova tormenta. Entre nós tarde soou o brado dos primeiros campeões modernos; e ainda mal tinhamos demonstrado o desejo de nos unir-mos aos agressores das velhas doutrinas litterarias; mal tinhamos começado a entoar tambem um hymno de regeneração, quando o primeiro combate estava acabado, e a doença da monotonia e do mau gosto lavrou pela nossa terra.

Mas vamos á Osmia.

Depois de contestadas e derribadas todas as regras litterarias, não ha senão uma regra, a regra verdadeira, a regra eterna para avaliar o merito de todas as obras da arte: agrada, ou não agrada. E conforme acontece uma ou outra d'estas coisas, tractamos de prescrutar as cauzas plauziveis d'aquelle facto regulador.

Ora a Osmia tem uma parte que agrada, e outra que não agrada (pelo menos a nós). O que não agrada é o assumpto, o objecto, a *materia prima* (para nos exprimir-mos na linguagem inflexivel do seculo). O nosso *sentimento* está por tal modo endurecido pelo embate continuado e excessivo das comoções violentas, que so uma comoção violenta pode despertar as faculdades sentimentaes da nossa alma. Talvez a maneira de conseguir este fim por diverso meio fôsse o despertar uma outra ordem de paixões, que não a que os poetas modernos tem pintado nas suas producções, que atiram aos leitores avidos de sentir e comover-se. Mas o que é verdade é que o assumpto de que tractamos não tem nenhum d'estes characteres que o tornem apto para *agradar* á grande maioria dos leitores; e portanto o maior poeta mesmo não teria vantagens n'aquelle campo, que escolheu o Sr. Osorio. Talvez o auctor tivesse um *fim*, em virtude do qual teria de lançar mão d'aquelle assumpto, como elle o declara no seu prologo; mas isso, em quanto a nós, não o justifica; porque esse *fim* ja se vê não podia ser alcançado satisfactoriamente.

Mas uma coisa dissemos nós que *agradava* na Osmia, e é a parte artistica, é a forma. São inconfestavelmente os bonitos versos da Osmia, que a fazem boa, que a tornam agradavel. Hoje está em moda arguir de plagiarios toda a qualidade de escriptores; mas não é n'esse sentido de *arguição*, não é como vituperio, mas sim como elogio, que dizemos que o auctor traz á lembrança dos que lerem a sua obra os immortaes versos do cantor de Camões e de D. Branca. Introduzir a expressão de quaesquer pensamentos na inalteravel bitola do metro, sem o adorno e compostura da rima, e fazer isto sem ser necessario afastar aqui, estender além, e transpor, e embaraçar acolá as partes da expressão, é por certo um talento especial; e este talento possue-o o Sr. Osorio.

As poesias que se seguem á Osmia tem o grande merito de não pertencerem ao número d'aquellas modernas composições de pessimo gôsto, em que os bons dos auctores declamam em versos detestaveis sentimentos e paixões affectadas, que nunca sentiram, sentimentos e paixões calculadas a sangue frio no canto de seu gabinete, para produzir *effeito*, e que se algum produzem é o soporifero effeito das dormideiras. N'este genero de poesias fugitivas, muitas d'ellas de circumstancia, é que não póde haver critica fundada n'outra regra senão a de agrada, ou não agrada. E em geral agradam aquellas poesias do Sr. Osorio, as duas traducções agradam muito, e nós de bom grado lhe aconselhariamos, que trilhasse aquelle caminho se não tam glorioso, ás vezes tam util como o da originalidade. Mas o que agrada sôbre tudo, a obra-prima de todas aquellas composições, e que vale por todas ellas é a última poesia, a poesia feita a Cintra, que com a da saudade, são as mais lindas flores d'aquelle ramalhete; essas são verdadeiramente boas poesias; e ainda que não fosse senão por ellas todos deviam ter um exemplar da Osmia do Sr. Osorio.

A. de Serpa.

POESIA.

CHRISTUS EST SEPULTUS!

I.

518 Silencio! dorme a terra e dorme o templo.
E a multidão, que ha pouco em vagas tristes
O enchia a trasbordar, dorme com elle!
É noite — noite escura, as trevas grossas
Em amplo manto negro involvem negras
O vale e o monte, ceus, astros e selvas,
E o campanario humilde, que na aldea
Se eleva, entre as cabanas alvejantes,
Como o apostollo da fé, que a fé pregoa
Entre um povo a seus pés orando curvo.
É elle so quem vella, ou vellar finge,
Sobranceiro, de pé, erguido ao alto
No anguloso contorno, recortado
Grave e austero, n'um ceu austero e grave;
So elle e ninguem mais — braço extendido
D'entre o lucto da terra á paz da noite.
Do pincaro das serras desce ignota
A voz da solidão, cortando os ares;
E essa harmonia mystica, solemne,
Da torrente a gemer sahe d'entre as fragas.
N'estas horas sem nome os homens calam:
Nem ousam respirar. Rei d'um momento
Larga o throno o mortal, roja o diadema,
Depõe o sceptro seu, e pobre e humilde
Sôbre aquella realeza d'um captivo,
Por fraco se confessa, e nu se prostra.
Que hade elle sussurrar ante esses brados
Da montanha e do abysmo? ante os rugidos
Do oceano embravecido, quando a pino
Sacode sôbre a terra a crespa juba
E na juba o terror?
Concertos d'estes

So se podem ouvir co'a face em terra
E co'a fronte no pó, porque so vibram
Unisonos, assim, quando se cumpre
Um areano supremo — um sacrificio
Que o mundo acata e ignora — ou quando, tincto
No sangue, nova purpura, um sudario
Se extende, consagrado no martyrio,
Sôbre alguma prostrada Magestade
Potente e verdadeira, augusta e forte

II.

E os mysterios da noite cantam magoas
Descomunaes, immensas — que um sepulchro
Sacrosancto se abriu: a tempestade,
Para ao ceu as levar, varre no mundo
Todas as notas lugubres do pranto,
D'esse pranto infinito, enchendo triste
A vastidão do ceu, do ar, do espaço
Com doloridos hymnos — que um sudario,
Como aquelle, cahiu sôbre o cadaver
De Magestade augusta, como aquella!

III.

Ei-lo o templo humilde e agreste
Que de lucto se reveste
Qual orpham, que geme, so:
Erma-lhe á porta um cypreste,
Erma-lhe dentro o seu dó.

Entremos — Na quadra escura
Que suspira e que murmura
Uma lampada reluz;
Pobre estrella, que fulgura
No firmamento da cruz.

Em redor do lume sancto
Que vagas sombras em pranto
Que eu vejo loucas passar!
Não; seu mal não chorou tanto
Assuero ou Balthazar.

Nem me illude a phantazia!
Essa dor, essa agonia
São das sombras das nações,
Gemendo a triste elegia
D'umas, d'outras gerações.

Como esses reis abusaram
Dos amores que tractaram,
E da mesa do festim;
Assim os povos peccaram:
Prantear devem assim.

É ésta a hora em que hade
Penitente a humanidade
Adorar seu Redemptor:
Morrer deve de saudade
Ja que elle morreu d'amor.

Morreu por ella vendido!
Do humano verbo vestido
O Verbo-Eterno morreu!
Prostre-se o mundo remido
A quem mais que o mundo deu.

Ei-lo morto, sepultado
Botão florido e cortado
No tronco de Jérichó!
Erma-lhe aos pés desnudado
O cypreste, infausto e so.

Homem lembra-te que és pó!

Mendes Leal.

A PAIXÃO DO REDEMPTOR.

OFFERECIDA A * * *

Quem chore
Do soffrimento o Heroe existe ainda
Eu chorarei — que as lagrymas são do homem —
Pelo amigo do povo, assassinado
Por tyranos, e hypocritas, e turbas,
Envilecidas, barbaras, e servas.

A. *Herculano — Harpa do Crente.*

519 Hossana ao filho de David, Hossana!
Em nome do Senhor bemdittó aquelle
Que nos vem libertar! — E assim saudavam
O filho do homem, quando entrava humilde
N'essa Jerusalem suberba e ingrata.
Saudai Jesus de Nazareth; diziam
Vendo o Mestre-Divino triumphante!
E em seu caminho espalháram ramos,
E até as proprias vestes estenderam.

Oh povo ingrato, que tam cedo em furia
Negáste o teu senhor; e que aos louvores
Trocáste affrontas e crueis tormentos!..
Maldição sôbre tí, indigno povo!
Os phariseus hypocritas temeram-n'o;
E o seu mesquinho rei julgou possivel
Que o rei dos reis ambicionasse um throno
Na terra vil, e escravisado, e nullo!
As turbas allucinam, corrompidas,
E se conspiram contra o Deus das Gentes!

Bem sabias, Senhor, qual seu designio,
Que as profecias todas revelavam;
Mas não quizeste, não, oppor-lhe a força
Do teu potente braço: fôra improprio
De um Deus volver com susto dos humanos,
Sem ter remido o justo com teu sangue!
E o calix da amargura o acceitáste
Das mãos do Eterno-Padre omnipotente;
E inda que amargo fosse, era esse o preço
Da nossa redempção, que o teu carinho,
Tam mal reconhecido, imprehendêra;
Possivel, so possivel ao Deus vivo!

«A minha alma está triste até á morte;
Ficarei aqui, e vigiai commigo:»
No Hórto disse Christo aos seus discipulos.
Mas elles eram fracos, e dormiram!
E um d'elles o trahiu por vil dinheiro!
Tambem outro o negou por covardia!
Soou a hora fatal, e vão cumprir-se
Os dittos dos Profetas! — Eil-os chegam,
Que arrastam o Senhor perante as turbas
Infurecidas, que ao Calvario o levam!

Não quizeste, oh Pilatos, da consorte
Ouvir os rogos! chora o teu remorso;
Que ao vil poder sacrificaste Christo!
Sê maldito, oh tyrano, e os teus escravos!
Porém cumpriste assim as profecias,
E o que forçoso foi para salvar-nos,
Condemnando o Senhor, que era innocente!

Vestido de uma tunica d'affronta,
Coroado de espinhos, o forçaram,
Depois de haver soffrido vís açoites,
A conduzir a cruz do seu martyrio
Ao Golgotha, logar do sacrificio!
La o crucificaram, repartindo
Por sortes entre si os seus vestidos!
E deram-lhe a beber fel e vinagre,
Quando elle teve sede! e por escarneo
— Jesus Rei dos Judeus — O acclamaram!
Magoavam-n'o as injurias, mas seus labios
Não mostravam rancor, antes piedade!

O filho do homem era quem soffria;
E abatido soltou éstas palavras:
« Meu Deus, meu Deus, porque me desamparas! »
E mal que ainda outra vez as repetira,
O Senhor espirou! — E o ceu, e a terra,
N'esse momento tam solemne e augusto
Respeitaram seu Deus, que apenas homens
Desconhecer poderam! — Mas ja livres,
E remidos, não poucos o adoraram!

Bemdito sejas Tu, Christo Divino,
A quem eu devo a esperança tam suave
Da minha salvação na Eterna Vida!
Salve, mil vezes salve, que partindo-Te
Deixaste-nos Teu Corpo e o Teu Sangue
Até ao fim das gerações futuras,
Para viver comnosco, e perdoar-nos,
Mostrando-nos do ceu a livre estrada!
Salve, meu Deus, acceita humildes votos
Da Tua creatura, que se ufana
Em confessar-Te, oh Senhor benigno;
Perdoa meus delirios, sim perdôa
Meus erros, e meus crimes continuados;
Dá valor á minha alma infraquecida!
Lisbôa — 1845. *José Osorio.*

MONUMENTOS DE COIMBRA [1]

III.

SANCTO ANTONIO DOS OLIVAES. [2]

Avulta aqui, e alveja, entre o arvoredo,
Um pobre conventinho. Homem piedoso
O alevantou ha seculos, passando,
Como orvalho do ceu, por este sitio,
De virtudes depois tão ricco e fertil.
Como um pai de seus filhos rodeado,
Pelos matos do outeiro o vão cercando
Os tugurios de humildes eremitas.
Onde o cilicio e a compunção apagam
Da lembrança de Deus passados erros
Do peccador, que reclinou a fronte
Penitente no pó. (*A Harpa do Crente.*)

520 Um so mosteiro havia em Coimbra, quando o convento dos Olivaes teve seu principio [3]; uma rainha [4] o erigiu em 1217, mas tam pobre e desabrigado, que os poucos filhos do patriarcha de Assis [5] mandados a habital-o, trinta annos somente n'elle moraram. Brilhou porém um raio de luz mui viva n'este logar, antes que fosse abandonado; uma flor mui formosa vegetou cerca da ermida de Sancto Antão entre a espessura das Oliveiras [6]; e o reflexo da luz, e a fragrancia da flor, passados trezentos annos, ainda scintillava, e embalsemava o ar em torno das prostradas paredes do convento: *aqui passára alguns dias de sua penitente vida o Thaumaturgo portuguez, Sancto Antonio de Lisboa.* Em 1540 surgiu um segundo convento d'entre as ruinas do primeiro, a expensas d'el-rei D. João III e D. Alvaro da Costa [7]; a cella de Sancto Antonio converteu-se em capella de sua invocação, e a igreja tomou-o tambem por orago [8].

O ter sido o convento de Sancto Antonio dos Olivaes morada do Thaumaturgo portuguez, mais que a circumstancia de ser fundado e reedificado sob a protecção immediata de monarchas portuguezes, e a de gozar outras prerogativas apreciaveis [9], nos convidou a commemorar este monumento, alias pouco notavel considerado na sua architectura.

Se viajantes de todas as crenças atravessam paizes extensos, para irem apanhar um ramo do loureiro do tumulo de Virgilio, visitar a casa de Horacio, e o sepulchro de Petrarcha, consagrando depois largas paginas á descripção d'estes monumentos, interessantes somente pelas recordações, que inspiram, de tam extremados poetas; deixariamos nós, christãos, de in-

(1) Vejam-se os artigos, que sôbre este assumpto tenho publicado nos antecedentes volumes d'este jornal.

(2) Fica levantado este convento na despedida de um monte, em distancia de Coimbra um quarto de legua ao nascente do sol. A paragem é incantadora pela vista dilatada do que alcançam os olhos. D'aqui se avista o Mondego uma legua depois de ter ja passado pelas ameas da cidade. D'aqui se descobrem as soberbas montanhas, que no coração do inverno se vem traspassadas de raios, e cubertas pelo oceano de gêlo, em que se convertem as aguas. — *Bellezas de Coimbra.*

(3) O mosteiro de Sancta Cruz, patriarcha de todos os conventos de Coimbra.

(4) D. Urrasa, mulher de D. Affonso II.

(5) Foram os sanctos Fr. Zacharias, e Fr. Gualter, enviados com Fr. Bernardo de Quintaval, e outros companheiros, por San' Francisco. *Memorias de Fr. Manuel da Mealhada.*

(6) Antes da fundação do convento ja existia a ermida, e do nome do orago d'ella, *Sancto Antão*, *ou Antonio*, Abbade, e das oliveiras, que povoavam o outeiro, que a ermida corava, é que veio ao convento o titulo de Sancto *Antonio dos Olivaes.* Cardoso no seu *Diccionaris Geographico* segue outra opinião.

(7) Principiou a obra em 1539, continuou-se no de 1540, e pouco mais ou menos se acabou dentro de um anno, depois que se começou. Fez-se á custa de D. Alvaro da Costa, excepto a ermida, que comprou el-rei D. João III aos conegos, que era sua com todo o sitio que se tomou para a casa.

(8) Era antigamente a ermida de Sanct' Antão. Tem sido reparada varias vezes, e so conserva da antiga a porta principal, e de uma e outra parte d'ella se le um elegante elogio, que compoz e fez gravar o padre Fr. Antonio de Serpa, bispo de Chochim.

(9) Foi a primeira casa que a ordem Franciscana teve em Portugal; a primeira das casas religiosas, depois do mosteiro de Sancta Cruz, que teve Coimbra; foi sanctificada com as plantas de nove sanctos, que são os sobreditos fundadores, os Sactos martyres de Marrocos, Sancto Antonio, e o B. Philippianno de Castelhano.

dicar a morada de Antonio, [heroe mais sublimado, aos olhos da fé, do que os Virgilios, os Horacios, e os Petrarchas], ao viajante piedoso que quizer beijar a tosca pedra que lhe serviu de leito? É verdade que é humilde a antiga habitação do nosso Sancto; aqui não reluz o oiro e prata, não se veem marmores nem relevos primorosos; porém o homem piedoso, cujo coração se não arrebata pela prespectiva d'esses objectos, e somente aprecia as impressões doces dos que lhe revelam acções heroicas, apraz-se na contemplação das mudas testimunhas de uma vida illibada; admira com reverencia as sublimes virtudes do varão justo, e emquanto medita em suas obras, um balsamo sancto parece curar-lhe as feridas d'alma, tornando o mais corajoso para tolerar os infortunios d'esta vida na expectação de outra mais venturosa.

Digamos porém alguma coisa da traça do convento. É majestosa a sua entrada; sobe-se para elle por uma larga e comprida escada, que tem na frente tres arcos, e um em cada ilharga. De uma e outra banda estão por sua ordem os passos mais tocantes da vida do salvador. É maravilhoso este quadro, e inspira no coração do espectador um respeito religioso. As últimas scenas do Evangelho compoem uma historia viva e pathetica, que nos introduz no peito uma doce tristeza, e nos sepulta o espirito nas mais profundas considerações sôbre a eternidade e o tempo.

Na portaria do convento estão tres imagens, cada uma em sua capellinha; na do meio está a de Jesus Resuscitado: ficando-lhe á direita a do Anjo do Sepulchro, e á esquerda a da triste Magdalena, que com os olhos fitos em quem entra, e com o braço estendido, parece perguntar-lhe pelo seu amante divino, pronunciando este versiculo do cantico dos canticos, que tem escripto ao lado: *Num quem diligit anima mea vidisti? Resurrexit: non est hic* [10].

Sahindo-se da casa da portaria entra-se no claustro que é quadrado: das suas paredes pendiam os quadros d'aquelles feitos de Sancto Antonio, pelos homens havidos por mais *notaveis*; como se ás intelligencias humanas fosse dado avaliar o que ha de mais excellente na vida dos Sanctos! Em verdade suas virtudes conhecidas são apenas reflexos palidos de uma luz concentrada, que so brilha com toda a sua intensidade nos vastos espaços do firmamento; são pequenas arestas de diamante vistas atravez de sua ganga. O que sabemos das virtudes dos Sanctos é o menos, sua modestia encobre as mais heroicas:

Quasi fronteira a quem entra, fica a cella do Sancto, transformada em capella, com riccos adornos, mas terrea e escura. Opposta a ésta capella fica a em que se celebravam os capitulos; fôra seu padroeiro D. Diogo Pereira Forjaz, da illustrissima casa dos Forjazes, e foi o primeiro, e o que a fez á sua custa, João de Resende, fidalgo da casa real. — Tem um carneiro; e n'elle varios caixões, em que estão depositados alguns successos do dito padroeiro, e ultimamente o foi D. Affonso de Menezes, d'esta cidade, senhor da villa da Barca, e sua mulher D. Antonio Luiza de Bourbon, filha de D. Antonia d'Almeida, conde d'Avintes, neta de D. Thomaz de Noronha, conde dos Arcos, e irman do primeiro patriarcha de Lisboa [11].

Em 1837 foram remechidas as cinzas d'estas illustres personagens; alguns homens estupidos e malvados, pela occasião da romaria do Espirito Sancto, arrombaram o carneiro, e conduziram, como em triumpho, para o arraial, mirrados ossos, e restos de mortalhas [12]!

Á excepção de um outro claustro mais extenso, immediato ao que mencionámos, cercado de estatuas do Deuses do Gentilismo, e outras personagens mythologicas [hoje, pela mór parte, demolidas de todo, ou troncadas], e de algumas obras de buxo, e de um presepio, collocado n'um dos topos, nenhuma outra coisa do convento merece especial menção [13].

El-rei D. Pedro II, em companhia do archiduque Carlos, depois imperador de Allemanha, visitou o convento, quando estiveram em Coimbra. O infante de Hispanha, D. Carlos, durante sua estada n'esta cidade, tambem aqui veiu com sua esposa, filhos, princeza da Beira, e as serenissimas infantas D. Isabel Maria d'Assumpção; visitaram a cerca unicamente célebre pelas magestosas oliveiras que a povoam, que a tradição diz contemporaneas do Sancto, e por algumas ermidinhas ainda do tempo dos primitivos moradores do convento. O gran'ministro portuguez, marquez de Pombal, visitou tambem no dia 4 d'outubro de 1772 a morada de seu glorioso compatriota, Sancto Antonio de Lisboa.

R. de Gosmão.

(10) *Bellezas de Coimbra.*

(11) D. Thomaz d'Almeida, da casa dos condes d'Avintes, depois marquezes de Lavradio, que fôra bispo de Lamego, e do Porto, desde 1716 até 1758. — *Pereira, comp. das epochas*

(12) Ainda em settembro de 1839 vimos o carneiro arrombado e a lapide sepulchral esmigalhada.

(13) É actualmente possuidor d'esta propriedade, que, pela extincção das ordens religiosas, ficára incorporada nos bens nacionaes, o Sr. Dr. Manuel Antonio Coelho da Rocha, lente da faculdade de direito. Tem reparado alguns dos estragos, que o desleixo havia deixado produzir, restituindo ao culto a igreja e capellinha da Senhora das Dores, aonde ha poucos annos vão em romaria os habitantes.

VARIEDADES.

POLONIA.

521 A recente insurreição da Polonia, que tem excitado grande interesse em toda a parte, pareceu-me que faria ler com gôsto aos leitores menos erudites da REVISTA, algumas noticias sôbre o estado acual de divisão, e outras circumstancias politicas d'aquelle malfadado paiz.

A Gallicia, que pertence actualmente á Austriá, tem obra de 527 leguas quadradas de extensão e uma população de 4.797,243 habitantes, quasi todos polacos. D'estes perto de 2,000,000 são catholicos-gregos, quasi um igual número seguem a religião catholica-romana, 250,000 são scismaticos-gregos, 30,000 protestantes e 283,345 judeus.

A republica, de que é capital Cracovia, tem perto de 7 leguas quadradas e 145,787 habitantes, o seu territorio com a cidade do mesmo nome estão debaixo da protecção da Austria, da Russia, e da Prussia.

O gran'ducado de Posen, que faz parte do reino da

Prussia, tem uma superficie de 536 milhas geographicas, e a sua população é de 1.290.187 habitantes, dos quaes 372.789 professam a religião prussiana-evangelica, são de origem aleman e fallam esse idioma; 783.916 catholicos romanos e 77.102 judeus.

A Prussia possue ainda outras populações de origem polaca, na Silezia e na Prussia oriental e occidental de Dantzig, perto das fronteiras da Russia. Mas todos estes povos ha centenares de annos que estão separados da Polonia.

As antigas provincias da Lithuania, Russia-branca e Samogitia formam os govêrnos russos de Wilna, Witespk, Grodno, Kowno, Minsk, e Mahilek. A sua população é de 4.978.369 habitantes. Éstas provincias teem padecido ha quatro annos grande escacez de viveres e o povo soffre bastante. Os nobres e parte do povo seguem ainda a religião catholica-romana; as últimas perseguições fizeram com que uma grande parte dos camponezes entrassem no seio da igreja scismatica-grega; comtudo bastantes d'elles recusaram reconhecer os bispos russos. Ha ainda muitos milhares de polacos nos govêrnos russos de Courlandia e Livonia. Na Ukrania e na Russia-pequena que formam os govêrnos de Wolhynia, Kiew, Podolia, Pultava etc. os nobres são catholicos-romanos, e o povo segue a mesma religião que os russos. A população d'estes govêrnos monta a oito milhões de habitantes.

O paiz que ainda hoje conserva o nome de reino da Polonia, e que é governado pelo general Paskewitch é d'uma extensão consideravel e a sua população é de 4.769.790 almas.

A somma das populações polacas monta por conseguinte a 23.981.376 individuos.

Pondo de parte a raça polaca, a população russa monta a 63 milhões, a da Austria a 37 e a da Prussia a 16.

CORREIO NACIONAL.

522 No dia 3 entrou paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 27 e de Paris até 25 do passado. Continuava na casa dos communs a discussão das propostas de Peel, na especielidade. Os fundos portuguezes ficavam a 57½.

O brigue portuguez *Importador* procedente de Pernambuco com carga para o Porto, deu n'um baixo juncto á barra de Vigo. O navio póde ser desincalhado e salvou-se uma grande parte da carga.

Boatos. — Diz-se que o duque reinante de Saxe-Coburgo é esperado em Lisboa. Falla-se tambem que o Gran'Duque Constantino da Russia virá ao Tejo, n'esta primavera.

Parece que o Sr. Doux vai comeffeito estabelecer-se com a sua companhia na cidade do Porto no theatro de San'João.

Diz-se, mas não o acreditâmos, que se prohibem a M. Laribeau as representações de noite no seu circo. E mais se diz ainda, que a empresa do Gymnasio encontra difficuldades por parte do governo para estabelecer um theatro de declamação. A isto tudo ser assim, e como o Salitre se fecha pela ausencia do Sr. Doux e o theatro de San'Carlos acaba a sua estação, ficará Lisboa reduzida ao Theatro de D. Maria II... Se é d'este modo que se quer robustecer o gôsto da arte entre nós, cremos que estão inganados. O povo não hade ir *obrigado* a theatro nenhum; vai aonde gosta de ir e não aonde quizerem que elle va. Se o theatro de D. Maria II merecer ser frequentado o povo lá irá, senão o merecer, mais depressa se perderá o gôsto pela arte, e o theatro passará de moda, do que lá irá ninguem contra vontade. Sobre tudo, parece-nos este plano [se comeffeito o é] pouco conforme á liberdade e ás conveniencias públicas.

No fim de março último ficaram existindo nos depozitos do Terreiro e abordo, 5.891 moios de trigo, 442 de cevada, 536 de milho, e 92 de centeio. O trigo corria de 360 a 600 réis o alqueire, a cevada de 280 a 320 réis, o milho por o mesmo preço e o centeio de 260 a 320 réis.

Suas Magestades e Altezas visitaram no dia 4 do corrente o museu d'Historia-natural da Academia Real das Sciencias.

O producto liquido do baile dado no *Hotel da Peninsula*, em 20 de fevereiro último, a beneficio do Asylo da mendicidade, foi de 455$918 réis. As despezas foram de 178$112 réis.

No mez de março último despacharam-se na alfandega das Sette-Casas: 1.889 pipas de vinho e 538 d'azeite, 17.410 arrobas de carne, 3.042 de porco, 539 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 17:441$300 réis: tudo para consummo. E para exportação despacharam-se 3.357 pipas de vinho.

A camara-municipal d'esta cidade vai finalmente fazer regar as ruas. Sendo o systema das ruas á Mac-Adam excellente quando no estado em que se acha a rua do Alecrim e Chiado, é porém insupportavel quando se não rega. Por ésta occasião lembrâmos á camara o systema das carroças com regador na parte inferior do bojo da pipa, que regam á proporção que vão andando sem fazer charcos nem incommodar quem transita.

Segundo os jornaes do Porto dois *pronunciamentos* femininos tiveram logar em Fonte-Arcada e Guimarães, contra certas disposições policiaes. A tropa recusou a peleija com éstas novas Amazonas, e parece que foi necessario alguma tropa de reforço para conter em respeito as bellicosas Isabeis descendentes de Isabel Madeira e Isabel Fernandes.

Le-se na *Coalisão* que os lavradores do Minho tencionam applicar-se ao fabrico da manteiga e dos queijos, em grande escalla.

Por edital da inspecção geral dos theatros de 27 de março, está novamente a concurso até 30 do corrente, a empresa do Theatro de San'Carlos.

Pelo patacho portuguez *Flor d'Azurara* chegado no dia 5 do corrente da ilha de San'Antão, de Cabo Verde, sabe-se que o estado do archipelago era bom, e em quanto á ilha da Boa-Vista, constava ter findado inteiramente a epidemia que alli grassára.